

Pedro Teixeira Neves

I.

O POEMA LEVANTA-SE

o poema levanta-se sem dizer nada
como um gato ~~~~~
aguarda paciente
resina
o fiambre do poeta.

SEM BÓIAS NO COSTADO

daqui
podia falar-te de deus
e dos disfarces do divino
da sua soberana ausência pontilhada

mas aqui
não resta bóia alguma no costado

toda a palavra é sopro
todo o excesso pode ferir por defeito

sabêmo-lo
um só insecto pode suscitar
uma rebelião

é daqui deste silêncio em fogo branco
que te falo.

CONVERSA (INTERREGNO BREVE)

- Sabe, senhor Jaime da Rocha.
- Sou todo ouvidos, senhor Pedro Teixeira das Neves.
- Pois digo-lhe: que este vinho não era grande espiga, mas que este é um paraíso comparável aos melhores, não há dúvida nenhuma!

A EFÊMERA CERTEZA

um cotovelo de pedra nua
como solavanco de tempo no dorso da montanha
os caprichos do xisto angulando o milagre
herança de um absoluto primeiro
absurdamente real e inominável

o aroma fluvial das ervas a ferir os pulmões
lume que a terra cumpre em trôpego suspiro

e um lentíssimo mover de ar
moldando a espessura das horas
um nada confidente do arcaico e dos delírios

aqui se esgotam os possíveis e os porquês

aqui eu sei
contar o tempo pelos anos só pode ser uma brincadeira
aqui apenas uma e só certeza
a do homem efémera ausência de deus.

CALA

o rio escorre
(um nascer sem saber de onde)
a sua própria memória
(um morrer sem saber para onde)
o seu tempo é o de um contínuo dizer
calando
a liquescência da pedra.

VAMBA

é absurdo
o grau de intolerância dos abismos
para com certos corações.

LEGIÃO

quinhentos milhões de anos
levei para chegar a estas pedras
ninguém sabe esperar como a natureza

a paciência das pedras
o vagar das ervas o oloroso resinar dos bichos
só o silêncio atesta e diz

aqui nidificam os regressos
a luz ensaia ainda o seu respirar
gotejando o bordado das folhas
experimentando as arestas
o recortado dos caminhos sem nome
e cada passo presente o inaugural

se eu fosse de pedra seria daqui

como se eu não fosse daqui!

como se a cada passo

todos não viéssemos daqui

não fôssemos todos de mel e coronária

de carótida e araucária

de veias e poeira

quinhentos milhões de anos

demorei para chegar aqui

ninguém me avisou

eu não sabia

não é fácil voltar a nascer.

MIRADOIRO

este é o chão

lugar do assombro para onde convergem os segredos

e as vastidões do mundo

embriago antigo

casa do antes

ante tamanho desmesurar emudeço

ser para sempre é teu destino

nosso o de sermos pedra rolando-te

para dentro

sermos músicas dissonantes
o eterno e o instante.

OS PÉS NO OCREZA

a voz de pedra que a noite mansamente rola
pede meças ao sono do rio e dos astros
um vazio alastra de si mesmo
sombra da manhã a erguer-se da caruma
para o corpo
(subtil perfume se insinua dama da noite)

tanta mudez represa as palavras
que a custo limpamos de melancolia
houvesse ainda recantos para o espanto neste mundo
e aqui se acolheriam

nada pedindo nada exigindo
tão-só sendo
pele sulco aluimento ou melopeia.

-Poemas da 7ª Edição 2018 de Poesia Um Dia